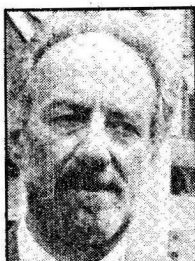


CIDADE

POR WASHINGTON NOVAES



Secretário do Meio Ambiente,
Ciência e Tecnologia do DF

Samambaia, mon amour

O psicanalista, poeta e humanista Hélio Pellegrino, que morreu há três anos, faz muita falta, nesta hora brasileira em que os linchamentos voltam a fazer parte da rotina das cidades, mães jogam seus filhos na lixeira, presos fazem com suas mãos a "justiça" que a Justiça tarda em fazer, pais invadem tribunais para matar os estupradores de suas filhas.

Hélio Pellegrino, com a sabedoria que lhe conferiram décadas ouvindo pessoas em seus segredos mais íntimos, costumava lembrar que, ao nascer, somos seres narcísicos e assustados, voltados apenas para a satisfação de nossos desejos, a qualquer custo. O pacto civilizatório, a necessidade de convivência é que nos obrigam a renunciar aos impulsos mais primitivos, mais profundos, começando pelo desejo do incesto. Em seguida, temos de renunciar ao desejo de fazer justiça com as próprias mãos. Sem essas duas renúncias, não há civilização possível, não há vida social possível.

Mas essas renúncias, lembrava Hélio, não se fazem sem uma contrapartida: a garantia de que a pessoa terá direito à satisfação de outros desejos — a casa, a comida, a educação, a saúde, o trabalho, a remuneração digna, o afeto, o direito de ascensão. E sempre que o pacto é rompido, retornam os impulsos primitivos, a compulsão de fazer com as próprias mãos a justiça que a sociedade — o pacto civilizatório — não promove. É esse, com certeza, o grande problema e a ameaça dos regimes socialmente injustos, iníquos: levam fatalmente à reentrada em cena da violência primitiva.

Essa introdução evocativa do Hélio Pellegrino vem a propósito de uma notícia de poucos dias atrás, quando a Secretaria de Segurança do Distrito Federal promoveu uma "Operação Desarmamento" em Samambaia e encontrou exatamente três facas e um estilingue.

Samambaia tem hoje no mínimo 150 mil pessoas. E o fato de uma operação de desarmamento encontrar ali apenas três facas e um estilingue demonstra, sem equívoco, que, naquele lugar, o pacto social continua mais do que intacto; demonstra que, nesta hora

em que as elites só falam de crise e pessimismo, em Samambaia não se perdeu a esperança de ascensão social. Muito ao contrário, Samambaia é hoje precisamente o lugar da esperança — como tem dito e reiterado o governador Roriz.

As elites brasileiras deveriam pensar muito sobre o que isso significa para o País, para a nossa possibilidade de paz social. E, *the last but not the least*, o que isso significa para a segurança dela, elite, e para a segurança geral. Inclusive e principalmente a segurança dos mais desfavorecidos, que certamente perderiam uma guerra formal.

Até aqui, a dita elite — econômica ou cultural — tem mantido uma atitude no mínimo ambígua diante dos chamados assentamentos no Distrito Federal. Ora argumenta com o "estímulo à migração", que as estatísticas não comprovam, ora invoca a "favelização de Brasília". Esquecida, primeiro, de que ela, eleite não encontrou nenhuma solução para a migração, que de fato aconteceu nas décadas de 70 (crescimento populacional de 14 por cento ao ano no DF) e 80 (taxa de 8 por cento) agora, o crescimento está em 3,5 por cento. Segundo, de que o problema já existia, já estava aqui, quando Roriz assumiu em 88 e encontrou dezenas de invasões e favelas, além dessa ferida brasiliense que é o inquilino de fundo de quintal. Ao todo, cem mil famílias à espera de solução para o problema da moradia. Que se deveria fazer com elas? Varrer para debaixo do tapete?

Mas lá estão elas. Em Samambaia, Paranoá, Jardim Roriz, Santa Maria, Riacho Fundo, muitos lugares. De qualquer forma, Samambaia é o símbolo e a síntese. A linha demarcatória, como até a eleição de 90 provou.

E vale a pena ver Samambaia. Ver como as pessoas erguem do dia para a noite uma cidade de alvenaria, com as mãos. O vento e o sonho. Como — na expressão de Dona Maria do Barro — a partir de um "retalho de chão" constroem sua identidade pessoal e sua cidadania.

Ninguém se iluda. Em pouco tempo Samambaia será a cidade mais vital deste DF. A mais participativa. A mais cidadã. A mais moderna.

Poucas semanas atrás, quando fomos com os técnicos da Secretaria do Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia a Samambaia para discutir questões da Semana do Meio Ambiente com a comunidade e começamos a lhe falar sobre a possibilidade de reciclar materiais, descobrimos que fomos ensinar o Padre. Nosso ao vigário. Samambaia já reciclava papel, metais e plástico, preparava-se para começar a reciclagem de vidro, e serragem de madeira. Já sabia até que pode reciclar estrume de vaca para fazer placas para paredes de barracos. Mais ainda: sozinhos, sem orientação de ninguém, seus habitantes já haviam chamado artistas para trabalhar com eles, ensiná-los a melhorar esteticamente a forma de seus objetos reciclados.

Isso é modernidade. E é por isso que Samambaia não precisa de armas. Quem conquistou sua identidade pessoal e política, já dispõe de armas muito mais poderosas. Precisa apenas que as chamadas elites aprendam a respeitá-